

património arqueológico e artístico, humilde algumas vezes, mas sempre evocador, disperso por cidades e logarejos onde não dispomos ainda de facilidades de acomodação, alojamento, vias de acesso modernas e atractivos indispensáveis ao bem-estar e passatempo de quem vem de longe e necessita de repouso e leda disposição para julgar e para vêr.

Igualmente deveríamos incentivar as excursões, acessíveis até aos remediados, a esse país de maravilha; as gerações novas teriam muito que aprender no contacto com um grande povo e com o muito que resta disseminado desse antanho glorioso e másculo que foi o Portugal das descobertas e da colonização, por todo o território que vai, no dizer consagrado pelo povo irmão, «do Amazonas ao Prata» e do Atlântico quasi aos Andes.

Depois a selva, a vida sertaneja, os lugares históricos dispersos pelo litoral, onde baila, a olhos videntes, um resto do passado glorioso, trazem sempre proveito a quem estuda e não é destituído de sensibilidade. Todos aproveitariam com tais viagens; o útil seria torná-las acessíveis, para que elementos heterogêneos e, mesmo, dispondo de poucos recursos delas pudessem participar. Tanto aproveitariam o académico e o estudioso, como o homem de negócios. E o Brasil contem em si tantas e tantas belezas naturais e está tão afeiçoado pela mão do homem no conforto que nos dispensa a vida dos grandes centros que o excursionista, ao regressar, poderia dizer que viu, de um golpe, tudo o que, de outro modo, exigiria larga série de viagens; a natureza, em assombrosa variedade de aspectos, coleando por contrastes desde o bocejo pastoril e a quietação idílica à explosão incontida dos elementos em plena sanha ou magestade de presença; e o urbanismo, asseado e cómodo, elevado ao cubo do esplendor e da estética.

//

Terminando estes reparos, injusta seria esquecer aos meus louvores—sempre rectilíneos e sinceros—alguns bons portugueses que teem trabalhado com inteligência e com critério pela realização do intercâmbio.

De entre esses poucos, forçoso nos será destacar os nomes ilustres de **Nuno Simões**—estudioso, homem prático e trabalhador incansável—**Ricardo Severo**—alma de artista em peregrina aliança com a do realizador—**Duarte Leite, João de Barros, Malheiro Dias e Gago Coutinho**—a cuja patriótica contribuição devemos a limpidez ambiente das actuais relações e o melhor conhecimento de pontos obscuros de colonização e de história, trabalhos que serão futuramente a pedra angular dessa vasta obra de amizade e de progresso—para só me referir aos nossos próceres.

De entre os mortos, quero sopitar na memória da grei o nome de **Rui Chianca**, o saudoso, mimoso autor de «**Aljubarrota**»—há poucos anos falecido em Lisboa, que foi humilde de porte mas grande bastante de envergadura íntima e campião no Rio em nosso estrênuo paladino, zelador do nosso interesse, vulgarizador do nosso tesouro artístico e a quem a nação portuguesa, levando alguns a esquecer dissídios pessoais, em vez do esquecimento ingrato a que lhe votou a memória, deveria homenagear no bronze da praça pública, acendendo-lhe lampadário perpétuo para consagração do mérito, do patriotismo e da clareza de carácter de que foi protótipo.

ALBERTO LIMA

CREPÚSCULO DE BIAS

Embora enfraquecido pela velhice, Bias, o mais sábio entre os Sete Sábios, quis defender, perante o tribunal de Priene, um amigo acusado, cuja absolvição obteve. Esgotado pelo esforço profundo que empregou na defesa, desmaiou depois que se pronunciou a sentença. Mas a síncope era um extasis e êle disse, feliz, ao cair nos braços do vizinho:

—Mais um bem que, para sempre, levarei comigo!

Transportaram-no para casa e deitaram-no no leito. Tódos viam que ja morrer e êle próprio, ao despertar do desmaio, o compreendeu.

Tinha nos lábios um sorriso doce como, na base do Mycale, a última volta e o último murmúrio do rio Meandro. E mais uma vez disse a frase que gostava de repetir.

—Levo comigo tódos os meus bens.

Mas, seu filho Teutamos perguntou-lhe, entre mal contidos soluços:

—A que chamas teus bens, pai amado e venerado?

—Ao único que comigo posso levar.

—Oh, mais sábio entre os sábios, outros sábios disseram que para a morte nenhum bem se leva.

—Alguma aparência te enganou, oh meu filho. Não é sábio quem dá o nome fiel e glorioso de *Bem* ao que não podemos levar para toda a parte, sempre connosco.

—Mas que levas tu, pai? Dize-me quais são esses bens que não se perdem.

—São demasiado belos para terem nomes. Ou julgas as palavras capazes de exprimir a beleza das coisas verdadeiras?... Levo tudo o que sei... o que conheço para além das palavras... os bens que não podem nem perder-se nem dar-se... que cada qual deve conquistar para si... que formaram parte de mim próprio... que não podem ser legados nem ser recebidos como herança... que se espalham, acima de tódos os nomes, pelo espirito extasiado e o coração encantado... que, harmoniosamente, se confundem com o encantamento e o extasis do meu coração e do meu espirito... Levo o que a vida me ensinou.

—Mas tenta dizer-me o que a vida te ensinou.

—Ensinou-me a viver.

—E a morte, ensina-nos alguma coisa? Não apaga ela tudo?

—Não termines, meu filho, a mentira que jas pronunciar. A morte, como a vida, é enriquecedora. Tudo o que me aconteceu cai no recipiente que sou. Ora o sábio é o recipiente hermético que nada deixa perder.

—Que me ensinará a morte? Se a vida ensina a viver, a morte só pôde ensinar a morrer.

Nêste momento o sorriso de Bias assemelhou-se a uma chama reavivada.

—Não sei—disse o sábio—o que a ti a morte poderá ensinar. A mim, ensina-me também a viver.

—Que dizes?

—A vida fez-me conhecer, entre outras coisas, que viver é morrer. A morte, entre outras coisas, ensina-me que morrer é viver.

—De que forma estranha falas, meu pai!

—Julgas que aprendia e me enriquecia de conhecimentos só quando estava sentado, de pé ou deitado? A saúde e a doença representavam instruções iguais. Supões que não via nada quando olhava as coisas, ou me olhava a mim? Uma só folha é motivo de contemplação tão inesgotável como uma floresta, e não encontrarás menos matéria para meditar olhando um dos teus dedos que numa viagem através de regiões estranhas. Tudo é viver e tudo ensina a viver. Estar vivo ou morto é viver e, se és capaz de aprender, tudo te ensina a viver. Todo aquêle que recusa o nome de vida a uma só forma, a um só aspecto, a uma só atitude, a um só espectáculo, proclama-se incapaz de escutar a diversa e fiel lição da vida. Poderíamos compará-lo ao louco que quisesse estar sempre de pé ou sempre deitado; que nunca quisesse comer ou que quisesse comer sempre... Levo, com a morte, todo o meu bem vivente e vou conquistar na morte um pouco mais de bem.

Calou-se e fechou os olhos. O seu sorriso obrigava a pensar em belezas vastas e calmas, em não sabermos que rica paz luminosa. Depois de um longo silêncio, continuou o sábio:

—Quanto mais te sorrio, oh morte, mais tu me sorris. Levado para o teu beijo enriquecedor, trago-te como dote os poucos bens que pude até agora reunir.

O silêncio, desta vez, deixou a boca entreaberta. Os olhos, fechados por lassidão ou por vontade, reabriram-se. Que espectáculo olhavam, que os vivos não podiam contemplar?

Teutamos abraçou o corpo inerte. E disse, tentando reprimir a sua dôr:

—Tu nada perdeste meu pai, mas eu julgo que perdi tudo.

A dôr, depois, triunfou. Teutamos, soluçando, deixou-se cair num tamborete e, de cabeça entre as mãos, lamentou:

—Vida e morte, que poderão ensinar-me senão chorar?

HAN RYNER.

(Do «*Crépúsculo*»).